

Guia de Turismo

ECOLÓGICO

São Bernardo do Campo



Natureza
é a principal
ATRAÇÃO

Assim como a maior parte das grandes represas brasileiras, a Billings nasceu na década de 1920, com a finalidade de gerar energia hidrelétrica para atender ao aumento populacional da Região Metropolitana do Estado. A partir da década de 1960, porém, o reservatório teve seu perfil de uso modificado e hoje corresponde ao maior manancial de água destinada ao consumo humano da Grande São Paulo, já que mata a sede de 2,3 milhões de pessoas, sendo 1,6 milhão em Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema.

Fruto de projeto ousado, a represa carrega o nome de seu coordenador, o engenheiro norte-americano Asa White Billings. A estratégia, traçada pela antiga Light – The São Paulo Tramway, Light and Power Company, Limited – com o intuito de aproveitar as águas da Bacia do Alto Tietê para gerar energia elétrica na usina hidrelétrica de Henry Borden, em Cubatão, foi construir a Barragem de Pedreira, no curso do Rio Grande, e inundar a área com 1,3 bilhão de metros cúbicos de água. A construção teve início em 1925 e término em 1927, quando se iniciou o enchimento do reservatório.

Aos 93 anos, a Billings se consolida como caixa-d'água da Região Metropolitana, tendo em vista que são captados da represa 7,7 m³/s de água para consumo humano, sendo 5,5 m³/s do braço Rio Grande (usada por 1,6 milhão de pessoas de São Bernardo do Campo, Diadema e parte de Santo André) e 2,19 m³/s do braço Taquacetuba (água que é transferida para o Guarapiranga e colabora para o abastecimento de 1,1 milhão de pessoas).

Billings,

fonte inesgotável de vida e lazer

Construção: janeiro de 1925 a março de 1927

Projetada pelo engenheiro norte-americano Asa White Billings



Capacidade de armazenamento atual: 995 milhões de m³ (redução de 23,46%)



Capacidade de armazenamento original: 1,3 bilhão de m³



Espelho d'água original: 217 km²

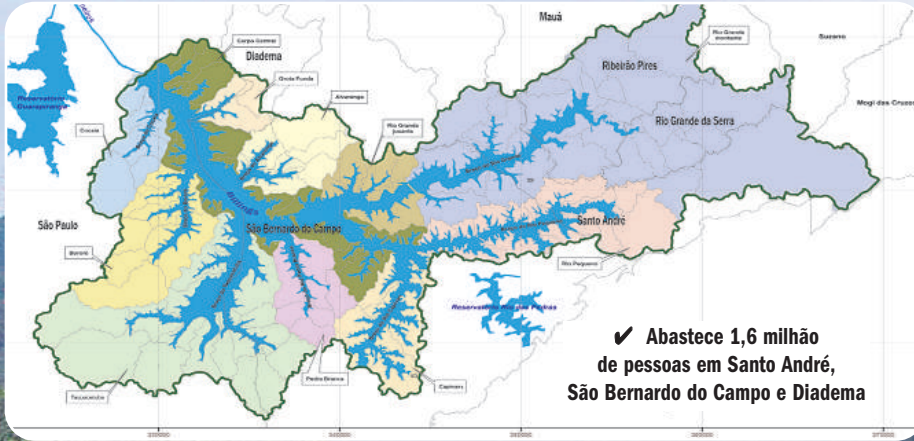


Espelho d'água atual: 106,6 km² (redução de 51,15%)



Extensão original: 900 quilômetros de margens entre a Zona Sul da Capital e Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra





Produção natural original:
27 m³/s

Produção natural atual:
13 m³/s
(redução de 51,85%)

Produção Sistema Rio Grande:
5,5 m³/s
Taquacetuba:
2,19 m³/s



L Outros usos da represa, como a pesca e as atividades relacionadas ao lazer e à recreação, incluindo os esportes náuticos, foram incorporados desde a década de 1930.

A A Prainha do Riacho Grande, um dos principais atrativos da Billings, em São Bernardo do Campo, passou por revitalização e se consolidou como opção de passeio para famílias, com atrações para crianças, adultos e pessoas com deficiência, como playground, academias de ginástica ao ar livre, pontos de comércio padronizados, pedalinhos e passeios náuticos. A oferta gastronômica da área é outro diferencial. Restaurantes flutuantes e quiosques estão no cardápio daqueles que buscam não só por alimentação, mas também pelo prazer de estar cercados por exuberante natureza.

Z Já os que valorizam o artesanato local têm à disposição feirinha típica aos domingos, das 8h às 17h, para a compra de bijuterias, quadros, roupas, cerâmica, madeira, crochê, tricô, tecelagem, bolsas, brinquedos e até mesmo peixes ornamentais. Na área de alimentação, barracas de pastel, comidas típicas, lanches, doces e bolos são opção aos consumidores.

R Outro ponto bastante frequentado pelos turistas do Riacho Grande é o Parque Estoril, em seus mais de 373 mil m² de área verde – oferece pedalinhos, zoológico e gastronomia. Os quiosques são procurados pelas famílias para piqueniques, festas de aniversário e confraternizações.

I O acesso deve ser feito pela saída no trevo de entrada ao Riacho Grande (km 29 da Via Anchieta).

Pesqueiros



sustentáveis



Opção de lazer e terapia, além de oportunidade para passeio em família, a pesca recreativa move diariamente apaixonados por linhas, anzóis e peixes, seja por *hobby*, indicação médica ou para consumo. E São Bernardo do Campo conta com mais de uma dezena de pesqueiros – majoritariamente na região do Riacho Grande –, que se transformaram em alternativas cómodas e confortáveis para este público, contando com estruturas que vão muito além da pescaria em si. Mas para manter estas localidades preservadas e melhorar a visitação, a Prefeitura decidiu agir baseada nos três pilares da sustentabilidade: proteção ambiental, desenvolvimento social e crescimento econômico.

Desde agosto de 2013, o município implantou o Pesqueiro Sustentável, programa com a finalidade de padronizar e tornar estes locais pontos de encontro para diversão e turismo. De forma voluntária, oito estabelecimentos, compostos por lagos artificiais, passaram a integrar o projeto. Todos foram submetidos a ações, palestras,

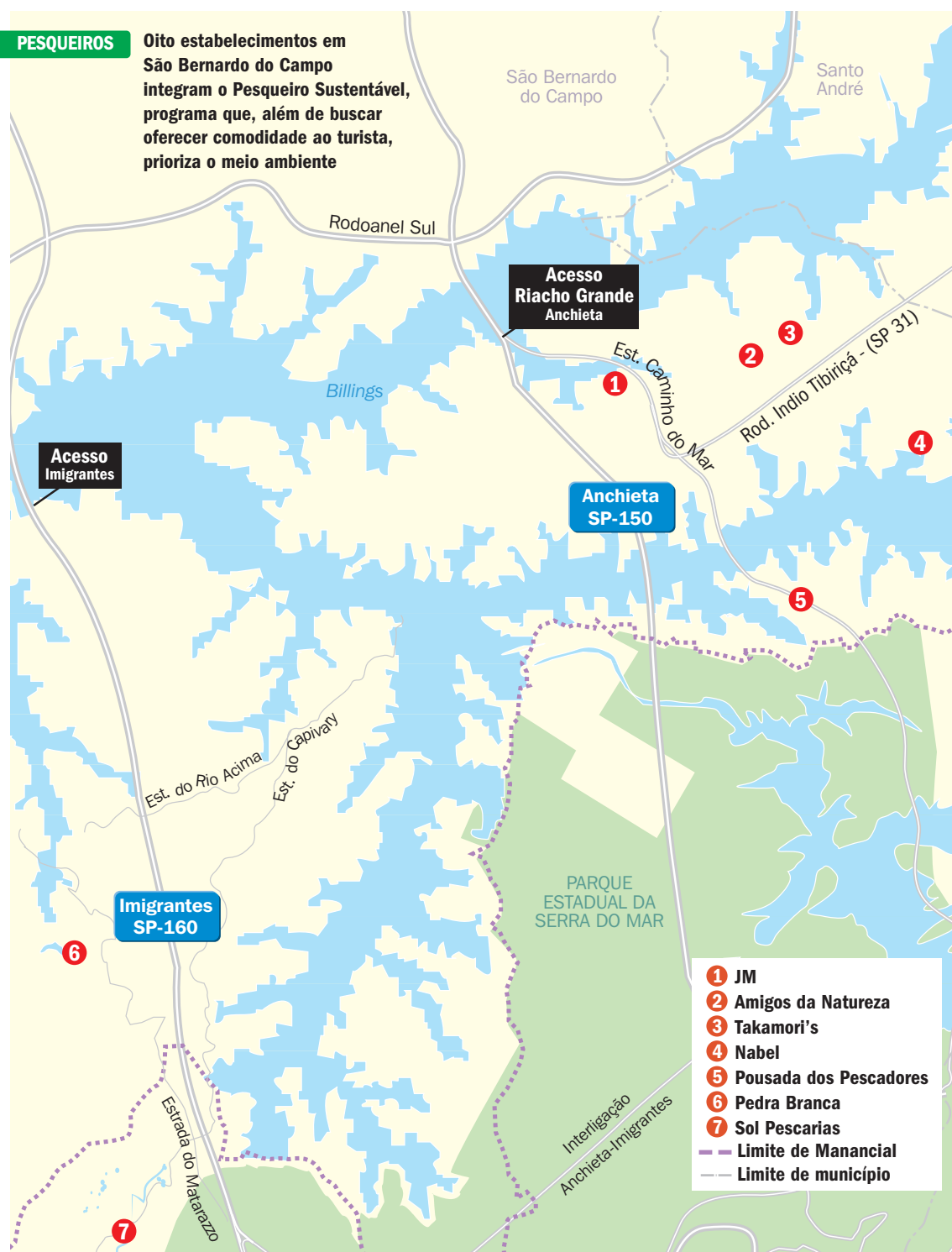
curiosos e trabalhos de adaptação, ensino e conscientização, desenvolvidos pela Secretaria de Meio Ambiente e Proteção Animal, em parceria com as secretarias de Saúde, de Serviços Urbanos, de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo e Subprefeitura do Riacho Grande.

Os locais que aderem ao programa passam por criteriosa avaliação, que contempla organização e limpeza; boas práticas de higiene e manipulação de alimentos; mão de obra; manejo da água dos tanques; qualidade ambiental e preservação dos recursos naturais, gestão do negócio e aprimoramento da atividade turística; participação em reuniões, cursos e palestras; e atendimento à legislação ambiental.

O Pesqueiro Sustentável prevê a recuperação de áreas de preservação no entorno de nascentes, cursos-d'água e fragmentos da Mata Atlântica. Este fomento ao turismo de pesca beneficia a comunidade local e incentiva tanto a conservação ao meio ambiente quanto a melhoria do atendimento aos visitantes.

PESQUEIROS

Oito estabelecimentos em São Bernardo do Campo integram o Pesqueiro Sustentável, programa que, além de buscar oferecer comodidade ao turista, prioriza o meio ambiente

**RIACHO GRANDE**

✓ Para acessar os pesqueiros do Riacho Grande siga pela Rodovia Anchieta, sentido Litoral. Saia no Km 29, sentido Parque Estoril/Caminhos do Mar – Polo Ecoturístico. Você estará na Estrada Caminho do Mar (SP 148). A partir dela terá acesso às estradas que chegam aos pesqueiros da região do Riacho Grande.

PÓS-BALSA (Para acessar os pesqueiros da região do pós-balsa:)

✓ **Pela Rodovia dos Imigrantes:** Siga pela Rodovia dos Imigrantes, sentido São Paulo. Acesse a pequena saída no Km 37. Você estará na Estrada do Capivary. A partir dela terá acesso às estradas que chegam aos pesqueiros da região do pós-balsa

✓ Pela Balsa João Basso:

Siga pela Rodovia Anchieta, sentido Litoral. Saia no Km 29, sentido Riacho Grande/ Estrada do Rio Acima. Siga as placas para a Balsa João Basso. Cruze a balsa e siga pela Estrada do Rio Acima até a Estrada Matarazzo. A partir dela terá acesso às estradas que chegam aos pesqueiros da região do pós-balsa

SOL PESCARIAS

**Estrada do Capivary, 6.776, Capivary
(acesso pelo km 37 da Rodovia
dos Imigrantes, sentido São Paulo)**

Telefones:

4342-7885 / 99541-7209

Funcionamento:

segunda a domingo, das 7h às 18h

Site:

www.solpescarias.com.br

Redes sociais:

facebook.com/sol-pescarias



Existem projetos que, na teoria, são muito bonitos e cercados por expectativas. Mas quando, na prática, eles se consolidam, a beleza se torna realidade. Os estabelecimentos que aderiram ao Pesqueiro Sustentável, em São Bernardo, passaram por diversas adaptações em cinco anos de programa e, atualmente, desfrutam disso. O Sol Pescarias, por exemplo, abriu as portas em 2002. E com as adequações realizadas desde 2013 a partir de cursos e palestras, se desenvolveu e estruturalmente: além dos três lagos para a pesca, conta com lanchonete, restaurante, churrasqueiras, loja, estacionamento e mais.

“Inicialmente, olhei com desconfiança. Mas fui aprendendo que o programa era bacana para a gente no intuito de ensinar, orientar e acompanhar. Tivemos que fazer melhorias que pareciam inócuas e ficaram funcionais”, destacou o proprietário Alexandre Viola, 48 anos, que instalou sistema de captação de água, reconstruiu e modernizou a cozinha, registrou empregados, entre outros. “Meus funcionários melhoraram, eu melhorei, todos aprendemos. Temos vegetação linda tão perto do centro urbano e ninguém sabe. É comum o cliente chegar e se surpreender com a natureza”, salientou.

PESQUEIRO AMIGOS DA NATUREZA

Estrada do Cocaia, 879, Riacho Grande

Telefones:

4101-8662 / 98282-0855

Funcionamento:

terça a domingo, das 7h às 18h

Redes sociais:

facebook.com/pesqueiroamigosdanatureza



PESQUEIRO NABEL

**Estrada Velha de Ribeirão Pires,
Riacho Grande (acesso pelo km 35
da Rodovia Índio Tibiriçá)**

Telefone:

4439-7553

Funcionamento:

terça a domingo, das 7h às 18h

Redes sociais:

facebook.com/pesqueiro-nabel

PESQUEIRO PEDRA BRANCA

Estrada do Matarazzo, 993, Curucutu

Telefones:

4323-3784 / 99998-0083

Funcionamento:

segunda a domingo (exceto terças), das 7h às 17h

Site:

www.ppedrabranca.com.br

Redes sociais:

facebook.com/PesqueiroPedraBranca



PESQUEIRO TAKAMORI'S

*Estrada Velha de Ribeirão Pires, Riacho Grande
(acesso pelo km 35 da Rodovia Índio Tibiriçá)*

Telefones:

94374-6465 / 99219-0770

Funcionamento:

segunda a domingo, das 7h às 18h

Redes sociais:

facebook.com/pesqueirotakamorisoficial

SÍTIO PESQUEIRO JM

*Estrada Caminho do Mar, 2.340,
Riacho Grande (acesso pelo km 31,5
da Rodovia Índio Tibiriçá)*

Telefones:

4101-8662 / 99746-3471

Funcionamento:

segunda a domingo, das 7h às 18h

Site:

www.pesqueirojm.com.br

Redes sociais:

facebook.com/SitioPesqueiroJm



POUSADA DOS PESCADORES

*Estrada Caminho do Mar, 6.825, Riacho Grande
(acesso pelo km 36 da Rodovia Índio Tibiriçá)*

Telefones:

4354-0535 / 99763-2797

Funcionamento:

segunda a domingo, das 7h às 17h

Site:

www.pousadadospescadores.com.br

Redes sociais:

facebook.com/pousadadospescadores



Ecoturismo temperado com história no

Caminho do Sal

No século 17, o sal era um produto de extrema importância para a sobrevivência humana. O condimento era fundamental para a conservação dos alimentos, uma vez que os primeiros protótipos de geladeira só seriam construídos na metade do século seguinte. A especiaria, no entanto, não era produzida no Brasil e precisava vir de Portugal. Para que o produto, portanto, fosse transportado dos portos de Santos e São Vicente, Litoral Sul do Estado, até o planalto paulista, os tropeiros utilizavam trajeto de pouco mais de 50 quilômetros, denominado Caminho do Sal.

Esse percurso histórico corta as cidades de São Bernardo do Campo, Santo André e Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo, com direito a trechos de terra e também de

asfalto. O pano de fundo é a fauna e a flora da Mata Atlântica e, desde 2014, a rota é uma das mais importantes da região quando o assunto é ecoturismo.

Andar, cavalgar ou pedalar nos exatos 53,5 quilômetros do Caminho do Sal apresenta graus de dificuldade variáveis. O trajeto é dividido em três trechos: Zanzalá, Carvoeiros e Bento Ponteiro.

Por estar próxima ao Trópico de Capricórnio, a rota está inserida em área de transição climática, em que há tanto o clima tropical de altitude quanto subtropical. Isso quer dizer que ocorre alternância de estações, sendo uma quente e úmida e a outra um pouco mais seca. É importante ressaltar que em questão de horas podem ocorrer variações bruscas de temperatura.

Trecho do Zanzalá

Com cerca de 15 quilômetros de extensão, o primeiro trecho da rota pode ser percorrido em cinco horas de caminhada. Quem for usar bicicleta leva duas horas e aqueles que preferirem ir a cavalo cruzam o trajeto em três horas.

Além da paisagem típica da Mata Atlântica, é possível observar a tubulação do Oleoduto da Serra, a primeira construção do gênero no Brasil, e também o reservatório da Represa Billings.

O trecho de Zanzalá chegou a ser fechado pelo rei de Portugal em 13 de maio de 1722. Na época, o caminho estava sendo utilizado para contrabando de pedras preciosas que vinham de minas em Cuiabá e no Mato Grosso. Dessa forma, os tropeiros escapavam dos altos impostos cobrados pela Coroa Portuguesa.

Trecho dos Carvoeiros

O nome do trajeto remete, novamente, à história do País. Por esse caminho eram escoadas as produções de lenha que alimentavam os fornos das olarias dos núcleos coloniais (ainda não eram cidades) de Ribeirão Pires e de São Caetano, e também abastecia a demanda da Capital e de Santos com carvão.

Esse trecho de dez quilômetros exige três horas de caminhada ou uma hora e meia pedalando. Já cavalgando demora cerca de duas horas para ser percorrido. É considerado o percurso de menor dificuldade.

É por esse caminho que, ao fim, se chega à Vila de Paranapiacaba, que pertence a Santo André. De colonização inglesa, a vila inicialmente era apenas um canteiro de obras para os operários que construía a ferrovia. Hoje, o local conta com museus, monumentos históricos, restaurantes, hotéis, além de belas paisagens.

Trecho Bento Ponteiro

O trecho mais pesado do Caminho do Sal é o último a ser percorrido, com 27 quilômetros. São necessárias oito horas de caminhada ou metade desse tempo pedalando. A cavalo são cerca de cinco horas.

O nome do trajeto é uma homenagem a Bento José da Silva. O comerciante português foi um dos primeiros moradores da região do Alto da Serra e, atraído pela notícia da construção da estrada de ferro pelos ingleses, abriu um caminho desde Quatinga, distrito de Mogi das Cruzes, até o acampamento das obras da ferrovia.

Após percorrer três cidades, o Caminho do Sal chega ao fim na Igreja Matriz da Vila de Taiacupeba, em Mogi das Cruzes. Ali se encerra longo trajeto, que carrega beleza natural e parte da história do Grande ABC



Trecho do Zanzalá – 15 quilômetros
Início: Rodovia Caminho do Mar, km 38,1, em São Bernardo do Campo
Fim: Rodovia Adib Chamas, km 43,2, em Santo André.



Trecho dos Carvoeiros – Dez quilômetros
Início: Rodovia Adib Chamas, km 47,3, em Santo André.
Fim: Avenida Ford, em Paranapiacaba

Trilha histórica

Caminho do Sal tem 53,5 quilômetros de extensão, passando por São Bernardo do Campo, Santo André e Mogi das Cruzes



Trecho do Zanzalá era utilizado por tropeiros



Vista da Serra do Mar é atração nos trajetos

Trecho Bento Ponteiro – 27 quilômetros
Início: Avenida Ford, em Paranapiacaba
Fim: Praça Cipriano Branco da Silva, Igreja Matriz, Vila de Taiapuêba, em Mogi das Cruzes

Praça Cipriano Branco da Silva

Final

Bento Ponteiro

Mogi das Cruzes

Carvoeiros

PARANAPIACABA

Agostinho/Editoria de Arte

RECOMENDAÇÕES

Caminhada (tempo total: 16 horas sem paradas, com velocidade média de 3,5 km/h). Utilize calçados e roupas apropriados para caminhadas, de preferência de cores claras e vibrantes. Leve protetor solar, repelente, boné, capa de chuva, celular, kit de primeiros socorros, água e alimentos.



Cavalgada (tempo total: nove horas sem paradas, com velocidade média de 6 km/h). Utilize calçados e roupas apropriadas para caminhadas, de preferência de cores claras e vibrantes. Leve lanterna, protetor solar, repelente, boné, capa de chuva, inclusive para o animal, celular, kit de primeiros socorros, água e alimentos, inclusive para o cavalo.



Cicloturismo (tempo total: sete horas sem paradas, com velocidade média de 8 km/h). Utilize bicicletas do tipo mountain bike com marchas, suspensão dianteira e pneus específicos para terra. Leve câmara reserva e chaves para manutenção. Evitar pedalar sem sinalizadores e as luzes dianteiras e traseiras devem ser utilizadas mesmo durante o dia. Usar capacete por todo o trajeto.



Paranapiacaba é ponto final dos Carvoeiros



Natureza exuberante encanta os turistas na trilha

»» Natureza

exuberante nos Caminhos do Capivary

São Bernardo do Campo reserva boas surpresas para quem alcança os limites do município. Ainda desconhecida por muitos, a rota ecoturística Caminhos do Capivary fica na região do pós-balsa e encanta pelas belezas naturais que revela aos visitantes. O percurso, de 25 quilômetros, abriga diversas espécies da fauna e flora da Mata Atlântica e ainda conserva aspectos do estilo de vida rural.

A rota está localizada às margens do reservatório Billings e ao lado do Parque Estadual da Serra do Mar. Foi lançada como atração em dezembro de 2015 com o intuito de fomentar o turismo e o desenvolvimento sustentável da região. Há ainda 14,5 quilômetros de rotas adjacentes, que levam a outros atrativos nas imediações.

Quem percorre os Caminhos do Capivary se depara com paisagens que agradam aos olhos e espécies vegetais das mais variadas. O céu é uma atração à parte, onde se pode contemplar a existência de inúmeras aves. A infraestrutura não deixa

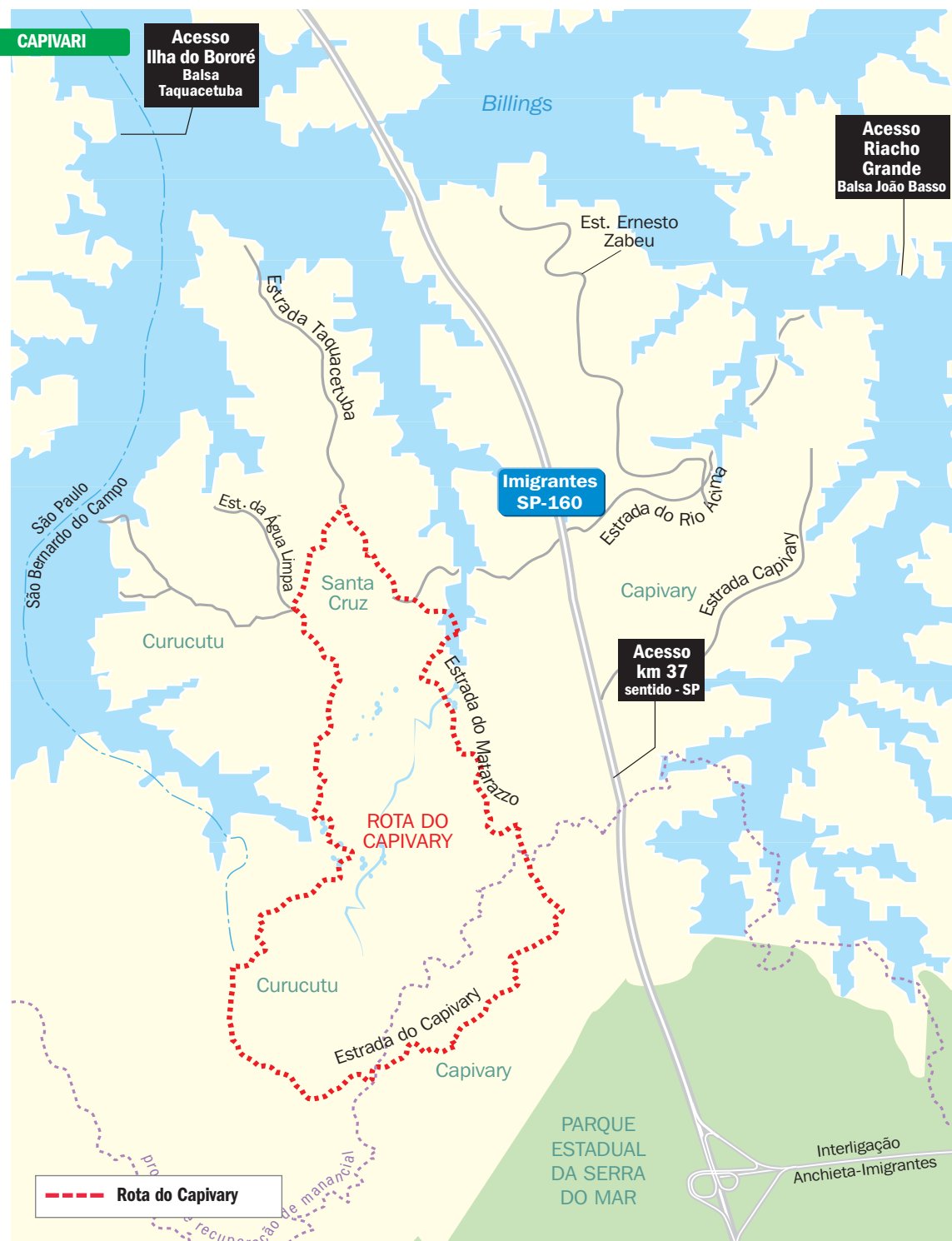
a desejar. Há espaços para alimentação e lazer. Pesqueiros, alambiques, padarias artesanais e acampamento estão à disposição dos turistas.

O circuito é bem sinalizado, com setas pintadas nos postes e placas, o que exclui a necessidade de guia. Ele pode ser percorrido de muitas formas: a pé, de carro, de transporte público ou mesmo de bicicleta ou a cavalo para aqueles que desejam adicionar dose extra de diversão à experiência.

O passeio conta com níveis de dificuldade para todos os preparos físicos. Existem trechos indicados para iniciantes, mas há também aqueles apropriados para quem deseja realizar treinos mais avançados.

Não é necessário fazer nenhum tipo de inscrição para conhecer o percurso, que está aberto todos os dias da semana. Para quem deseja estar em contato com o meio ambiente e suas exuberâncias e, de quebra, conhecer um pouco mais sobre a colonização são-bernardense, a rota Caminhos do Capivary é ótima pedida.





COMO CHEGAR

✓ CARRO

(1) Pela Rodovia Imigrantes: siga pela Imigrantes, sentido São Paulo, e entre à direita em pequena saída no Km 37; ou (2) pela Rodovia Anchieta: siga pela Anchieta, sentido Litoral, e pegue a saída para o Riacho Grande, Km 23,5. Siga as placas para a Balsa João Basso, cruze a balsa e continue pela Estrada do Rio Acima; ou (3) de São Paulo: siga pela Avenida Belmira Marin e atravessa-se a Balsa do Bororé. Siga pela Estrada Taquacetuba e atravesse a Balsa Taquacetuba; ou (4) de São Paulo: siga pela Estrada da Barragem, no bairro Colônia, e depois vá pela Estrada do Curucutu até entrar no roteiro.

✓ ÔNIBUS

Há diversas linhas que levam até a Balsa João Basso. No pós-balsa, as linhas de ônibus têm horários específicos de funcionamento. consulte: www.sbctrans.com



Terra de índios, tropeiros e imigrantes

A história da rota ecoturística Caminhos do Capivary está intimamente ligada ao povo indígena e aos tropeiros, que por ali circulavam. A palavra capivary, inclusive, é de origem tupi e significa 'rio das capivaras', em português.

No século 19, imigrantes passaram a ocupar as terras, recebidas da Coroa Portuguesa. Italianos, alemães e poloneses foram os primeiros a chegar e, assim, dar início ao povoamento da

região, a partir da década de 1920.

Com o alagamento da represa, em 1927, a paisagem local sofreu grande alteração. As conexões com o restante do município também mudaram: surgiram estradas e o sistema de balsa por cabo foi implementado. A partir disso, a região passou a ser chamada de pós-balsa, referência para todos os municípios de São Bernardo do Campo até os dias atuais.



A rota ecoturística Caminhos do Capivary já sediou três passeios ciclísticos. A primeira edição marcou o lançamento do percurso, em 5 de dezembro de 2015. Organizado pela Prefeitura de São Bernardo do Campo em parceria com a Pediverde – Cicloturismo, o passeio teve cerca de 60 participantes.

A segunda pedalada aconteceu em 25 de junho de 2017. Na ocasião, 160 ciclistas marcaram presença. O último evento promovido pela administração municipal foi em 25 de março de 2018 e fez ainda mais sucesso, reunindo, no total, 242 pessoas.

Quem participou foi orientado a estar munido de equipamentos de proteção, como capacete e luvas. Também foi necessário levar bicicleta apropriada para trilha. Devidamente preparados, os ciclistas tiveram a oportunidade de compartilhar em grupo a experiência de vivenciar as maravilhas da natureza e conhecer as raízes da cidade.

Passeios ciclísticos oferecem oportunidade de conhecer as raízes da cidade

Foto: Suzana Assis



Pico do Bonilha: mais perto do céu

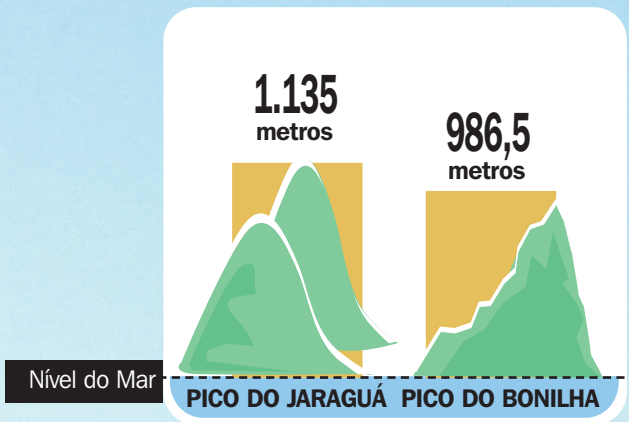


O ponto mais alto da região está em São Bernardo do Campo. O Pico do Bonilha, localizado no bairro Montanhão, fica a exatos 986,5 metros de altitude. Há quem o chame de 'Jaraguá do Grande ABC', em alusão ao Pico do Jaraguá, o ponto mais alto da Capital, a 1.135 metros acima do nível do mar.

Do alto do Bonilha é possível ter visão panorâmica de toda a região e também de São Paulo, além de, é claro, o verde da Serra do Mar. A caminhada até o cume, por ser íngreme e escorregadia, pode assustar os menos preparados. Mas quem conquista o topo é recompensado com bela paisagem.

No cume já foram fincadas três cruzeiros, duas de madeira e a outra de concreto. Algumas lendas explicam o motivo de terem sido colocadas ali. Entre as conjecturas está a de que há muito anos um avião bimotor bateu no local e todos os ocupantes morreram. Os objetos serviriam como homenagem aos passageiros e ao piloto. Outra hipótese supõe que a escultura tenha sido trazida por um religioso, já que o pico é o ponto mais próximo do céu na região.





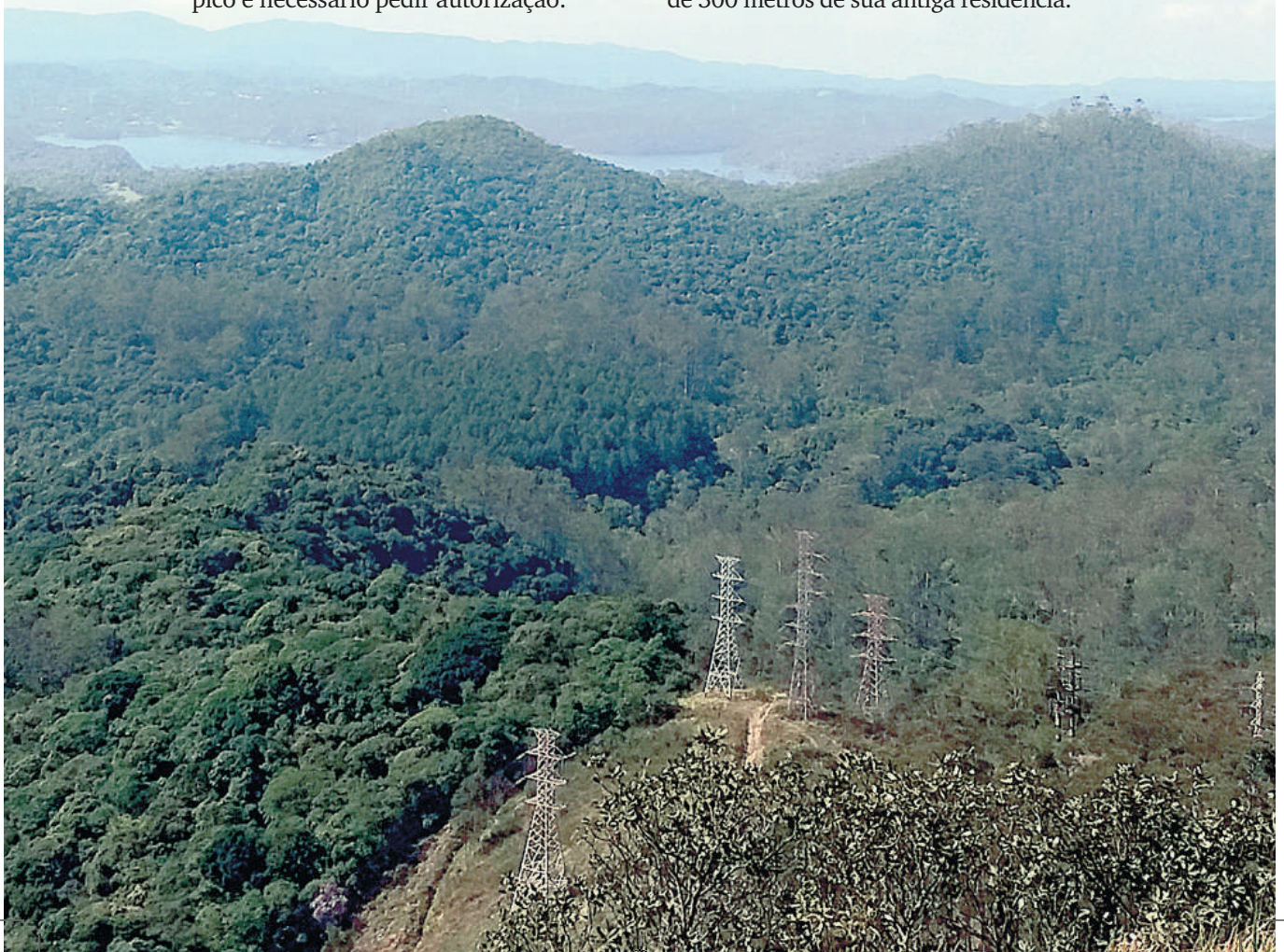
Esta primeira cruz desapareceu. E, em 1976, outra foi instalada no local, durante o feriado de Corpus Christi, por antiga empresa que ficava no pé do morro. Também sumiu. Numa terceira tentativa, a Emparsanco, proprietária atual do local em que se encontra o Pico do Bonilha, resolveu instalar uma cruz de concreto. Hoje, infelizmente, devido à ação de vândalos, resta somente a base de cimento do objeto religioso. Por estar em terreno da empresa, para visitar o pico é necessário pedir autorização.

Por que Bonilha?

O Pico do Bonilha nem sempre teve este nome. Durante o século 16 já foi chamado de Pico Alto, Morro Grande e Picicacudo. Nessa época, o morro era rota de passagem de indígenas, colonizadores e exploradores que iam do centro histórico de São Paulo até o Litoral e vice-versa.

No século 19, alferes (patente de oficial abaixo de tenente) Francisco Martins Bonilha (1782-1871) era um morador de grande influência na região. Exercia a função de juiz de paz e era também proprietário de terras em São Bernardo do Campo, nas quais cultivava chá. A região do Pico do Bonilha, conhecida como Maciço do Bonilha, seria local de uma das suas plantações.

O alferes, que chegou a ser condecorado com o título de cavaleiro pelo imperador Dom Pedro II, em 1846, possuía também um casarão no Centro do município, que foi demolido nos anos 1950 e no mesmo local está instalada hoje a Praça Lauro Gomes. Além do pico, ele foi homenageado com nome de rua, a cerca de 300 metros de sua antiga residência.





Parque Estoril

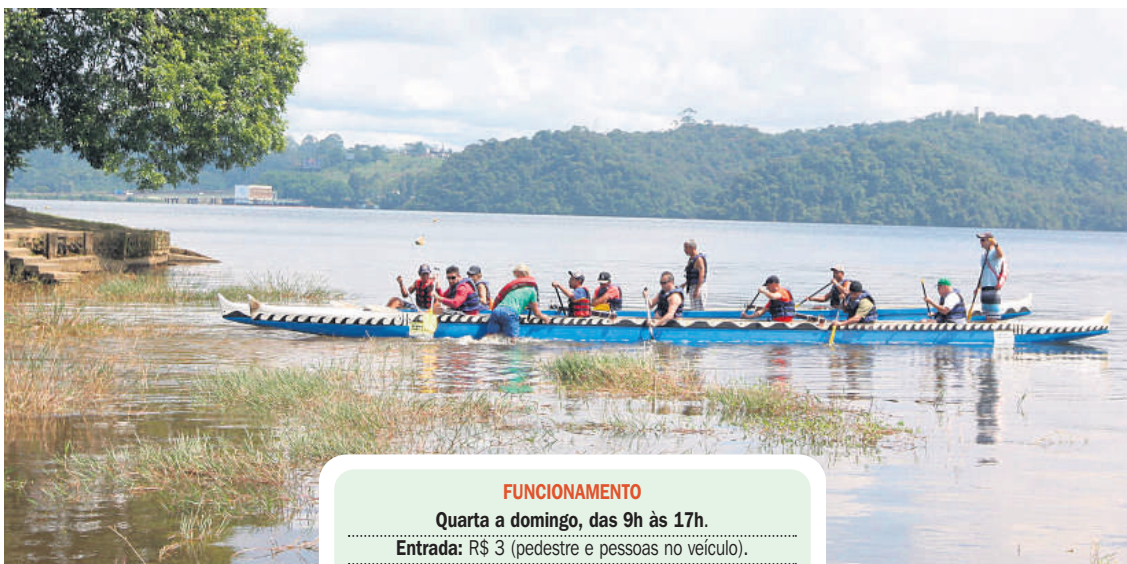


PONTOS DE INTERESSE AO VISITANTE

- Centro de Educação Ambiental
- Calçada da Fauna
- Caminhada da Represa
- Jardim Sensorial
- Viveiro Escola
- Obra Viva
- Jardim das Borboletas

Inaugurado em 1º de maio de 1955, o Parque Natural Municipal Estoril – Virgílio Simionato, ou simplesmente Estoril, foi transformado em unidade de conservação, o que garante a preservação da fauna e da flora locais, bem como a dos recursos naturais. Às margens da Represa Billings, uma Mata Atlântica, o reservatório, fauna e flora. Em mais de 373 mil metros quadrados, oferece diversas atrações, como Zoológico, Escola Livre de Sustentabilidade, Pedalinho, Jardim Sensorial, Viveiro Escola, stand up paddle, caiaques, área de piquenique e de banho, museu de arte ao ar livre, além de trilhas para caminhadas e estacionamento.

Localizado à Rua Portugal, 1.100, no Riacho Grande, o parque dispõe de visitas monitoradas para escolas e grupos. A entrada é gratuita para moradores com carteirinha, que pode ser feita na administração do local. Para isso, basta estar de posse de documento com foto, foto 3x4 e comprovante de residência. O horário de funcionamento é de quarta-feira a domingo, das 9h às 17h.



FUNCIONAMENTO

Quarta a domingo, das 9h às 17h.

Entrada: R\$ 3 (pedestre e pessoas no veículo).

Telefone (11) 2630-8035.

VALORES DO ESTACIONAMENTO:

R\$ 15 (quinze reais) para carro de passeio;

R\$ 10 (dez reais) para moto;

R\$ 30 (trinta reais) para Van;

R\$ 35 (trinta e cinco reais) para micro-ônibus;

R\$ 200 (duzentos reais) para ônibus.

ATRAÇÕES DO PARQUE:

Teleférico - Em manutenção.

Pedalinhos - R\$ 20 por 20 minutos 2 adultos e 1 crianças

Pedalão - R\$ 40 por 20 minutos 4 adultos e 2 crianças

StandUp - R\$ 50 por hora de passeio

Caiaque - R\$ 15 por 40 minutos de passeio

Zoológico - grátis

Alimentação - quiosques e barracas de alimentação

**Parque oferece
373 mil metros
quadrados de
natureza, diversão,
lazer e história**

**Estudantes podem
fazer visitas
monitoradas; são
lições práticas sobre
a fauna e a flora**



Foto: Ricardo Cassin

GUIA DE TURISMO ECOLÓGICO

DIÁRIO DO GRANDE ABC

Produção
Diário do Grande ABC

Conteúdo patrocinado

PREFEITURA DE
SÃOBERNARDO
DO CAMPO - CAPITAL DO PRAZER

CHEGOU O APP PARA FACILITAR *sua vida*



Instale já o SBC NA PALMA DA MÃO e conecte-se aos principais serviços:

- Serviços de agendamento
- Emissão de certidões
- Pagamentos e parcelamentos de débitos
- Notícias do município
- Guia da cidade
- Cultura, cinema e esporte
- Emissão da 2ª via do IPTU e alteração cadastral (endereço, telefone e e-mail)
- Consulta de multa e emissão de 2ª via
- Entre outros.



Se você já tem cadastro no Agenda Eletrônica,
basta usar o mesmo login e senha.

Acesse **MEUS DADOS MUNICIPAIS** e preencha com suas informações. Quando você fizer as solicitações on-line, os dados serão preenchidos automaticamente usando a função **Preencher com Meus Dados**.



PREFEITURA DE
SÃO BERNARDO
DO CAMPO
CIDADE DO TRABALHO